



PRÁTICAS EDUCATIVAS: A ESCOLA E SUAS FONTES DE PESQUISA

Patrizia Rivelli de Miranda Lima Maciel¹⁸⁶

Universidade Federal de Campina Grande

tizinha-rivelli@hotmail.com

Resumo

O referido artigo apresenta a importância da escola, enquanto objeto de pesquisa no campo da História Cultural nestas últimas décadas do século XX, trazendo a escola como espaço rico em práticas educativas que vão muito além dos conteúdos estudados em sala de aula e que se configura em um espaço produtor de cultura e não somente em lugar ao qual foi construído para um fim predestinado. Mostra que a escola não é neutra. A escola é possuidora de práticas que são constituídas por rituais, símbolos e objetos culturais, onde há uma reestruturação dos sujeitos, tornando a escola em um lugar além do visível, mas do tamanho do pensamento e é intencionalmente um lugar de cultura desenvolvido em um ambiente interativo, dinâmico e plural. Contudo diferencia os conceitos de “lugar” e “espaço”. Onde o primeiro é a escola enquanto prédio físico e com sua finalidade de ensino/aprendizagem e o espaço são os “fazer” que oferecem outra dimensão a escola, sinalizando-a como objeto de pesquisa para o historiador da cultura. Apresenta a importância das fontes como um lugar que necessita de um olhar criterioso do pesquisador, podendo ser os trabalhos realizados por alunos, fotografias e testemunhos orais coletados. Este artigo dialoga com: José D’Assunção Barros, Fabianny Silva, Antônio Torres Montenegro, Viñao Frago, Augustín Escolano, Diana Vidal, Michel de Certeau entre outros. É através destes diálogos que permitiremos ver a importância que a escola tem para a pesquisa em História Cultural e que revela um outro significado que a coloca para além da qual ela foi projetada. É sobre o espaço de produção de cultura, de memória e de História que se desenvolve este texto. Contudo trago o exemplo de práticas

¹⁸⁶ Mestranda em História pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande





educativas da escola à qual leciono há mais de uma década, mostrando como a escola é um mundo plural e não um continente isolado como muitos imaginam, a partir de suas fontes que são fotografias já em mãos e em processo de análise.

Palavras-chaves: História Cultural; práticas educativas; fontes históricas; práticas escolares.

Introdução

Este trabalho discute a função da escola enquanto produtora de cultura e não apenas como uma instituição que foi construída para seu objetivo inicial, não estamos conversando sobre espaços físicos ou sobre o currículo escolar, mas sobre a importância das práticas educativas na escola para a pesquisa histórica dentro de uma perspectiva da História cultural. Práticas que mostram que o espaço escolar vai muito mais além que uma construção institucional com o objetivo apenas de ensinar conteúdos sistemáticos e formar os sujeitos para exercer uma futura profissão e que assim é objeto de estudo do historiador deste século no desejo de compreender como se deu o processo histórico e cultural da instituição.

Formar sujeitos para uma cidadania integral é uma obrigação da escola, mas o que nos interessa é que esta mesma escola que é espaço de aprendizagem, lugar físico específico para isso, é também espaço de uma aprendizagem decorrente de práticas ritualizadas, discursos, símbolos e “fazeres” que moldam e reestruturam mentes. Fazeres que são resultados de ações cotidianas e que produzem uma cultura que coloca a escola em um estatuto de possuidora de uma cultura própria e por tanto um espaço a ser estudado. Mas do que uma aprendizagem que são decorrentes dessas práticas, uma ritualização de costumes.

Essas ações coletivas moldam o ambiente escolar que deixam de ser apenas um lugar de ordem e passa a ter movimentos carregados de sentidos que a transforma em um espaço dinâmico e com novas situações educativas. Os fazeres deixam registros e marcas que podem ser verificados nos objetos no interior das escolas como: cadernos de alunos e professores, trabalhos, fotografias e até testemunhos. Imperceptivelmente esses objetos vão se tornando fontes fecundas para um pesquisador criterioso e curioso em estudar a





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

escola como um mundo rico em cultura, desvendando este vivo ambiente, que não é monolítico, mas polifônico e carregado de intenções. Esses fazeres mostram que a escola não é apenas um “lugar” físico ou material mas um “espaço” de movimento que guarda acontecimentos que ampliam seu tamanho, e que ambos convivem e não anulam o lugar do outro, como nos mostra Michel de Certeau.

Direcionar um olhar para a escola enquanto espaço de cultura é tarefa do historiador da cultura, mas também do professor, que muitas vezes destina boa parte de seu dia dentro de uma unidade de ensino, não somente ensinando e cumprindo obrigações curriculares, como também participando e legitimando discursos e práticas naquele espaço, muitas vezes sem se dar conta que é produtor e reproduzidor de cultura, essas práticas vão penetrando no cotidiano escolar de modo imperceptível, não muitas vezes vistas, e sim sentida.

Foi assim, através da experiência e de minha trajetória como professora em mais de uma década na Escola Municipal de Ensino Básico Josué Barbosa de Andrade Lira, localizada no Povoado de Santana, pertencente ao Município de Barra de Santana (PB), a qual ingressei em Março do ano de 2009, observou-se que algumas práticas desenvolviam-se além do que era normalmente planejado em reuniões pedagógicas e que seguiam seu “próprio modo” de construção de seu cotidiano, modos carregados de sentidos e subjetividades, digo isso e trago um simples exemplo que chamou-me a atenção quando entrei na sala de aula e deparei-me com menos da metade da turma e questionei ao gestor da época o porquê daquele ocorrido e ele naturalmente respondeu que os alunos estavam ocupados em providenciar as roupas para a semana da festa e que por isso teria que considerar as faltas e não ensinar naquele dia conteúdos novos, para que não os prejudicassem. Era o primeiro ano que estava como professora e não tinha conhecimento sobre determinados fatos. Pois a partir de um exemplo de uma situação tão simples despertei-me a olhar para alguns costumes daquele lugar e daí o motivo pelo qual trago essa discussão, baseado em minha experiência docente. Este artigo não conclui uma pesquisa, e sim um estudo sobre as fontes que estou buscando e algumas já estão em mãos para a minha dissertação de mestrado em História no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande.





A escola e suas fontes de pesquisa

A partir das últimas décadas do século XX percebemos como a História Cultural foi tomando espaço para a pesquisa histórica e como esse campo historiográfico trouxe uma riqueza de possibilidades de tratamento para a pesquisa, revelando como a Clio está despedaçada e encantadora por revelar sujeitos e grupos receptores e produtores de cultura (BARROS, 2004. p,16). Esse olhar também é direcionado para as inúmeras fontes, que passam a ser consideradas pelo historiador da cultura que não se reporta a apenas aos documentos oficiais como eram antes tratados pelos pesquisadores do século XIX.

Desse modo, vários lugares vão ganhando importância no campo da História cultural, a escola é um exemplo de espaço rico em indivíduos e práticas que a torna fecunda para pesquisa, não apenas como instituição educacional com seus interesses de ensinar e aprender conteúdos, mas como espaço que carrega sentidos, símbolos, que não são neutras e nem dada, mas produtora de cultura própria. Desse modo a escola é um ambiente que está no interesse da pesquisa histórica, não como instituição que ensina ou aprende conteúdos, ou em apenas formar sujeitos que pretendem concluir seus estudos, mas como espaço de cultura. A escola é formada por indivíduos e práticas que são constituídas por rituais, posturas, discursos e até a própria disposição dos objetos e arquitetura do prédio que revelam suas intenções. Esses aspectos produzem estruturas mentais nos sujeitos que a compõem cotidianamente. (FRAGO; ESCOLANO. 1943. p,64) nos mostra que: “estruturas mentais conformadas por um espaço que como todos socializa e educa mas que diferentemente de outras situa e ordena com essa finalidade específica a tudo e a todos quanto neles se encontram”. Concebemos assim, a ideia de que a escola não é somente um lugar que aprende ou ensina, não é só um lugar físico ou material, mas cultural e carregados de intenções. Por tanto a escola é atualmente um espaço que desperta o interesse na pesquisa e na busca de suas fontes.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Assim considerando a escola não apenas como um lugar mas como espaço produtor de cultura e que vai muito além do visível, consideremos o conceito abordado por CERTEAU (p, 201) que:

É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo o qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha por tanto excluída a possibilidade para duas coisas ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”. Os elementos considerados uns dos lados dos outros, cada um situado no lugar “próprio” e distante que define. Um lugar é por tanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma posição de instabilidade(...). O espaço é o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram.

Diante das considerações de Michel de Certeau, entendemos que na escola coexistem o “lugar” e o “espaço”, ou seja, como é um lugar físico e estável, também é espaço do movimento e da operacionalização de práticas que vão renomeando e dando uma nova dimensão ao ambiente tido como escola. Práticas que são construídas ao longo do tempo e das circunstâncias. A escola é um lugar, quando projetado para um uso específico e essa ideia amplia-se quando seus objetivos vão além e torna-se o espaço do acontecimento e não da neutralidade, é espaço fecundo em costumes. Com isso nos explica também: (ESCOLANO; FRAGO. 1943. p, 61) “Por isso o espaço não é um meio objetivo dado de uma vez por todas, mas uma realidade psicológica viva”. Isso nos faz pensar que a escola é mais que os metros quadrados a qual ela é medida ou destinada, ela é do tamanho que chega o nosso pensamento, é uma noção subjetiva de espaço, espaço que é percebido e que nele é produzido um processo cultural e aí são recriados na dinâmica educativa.

Contudo consideramos a escola como uma instituição para além de sua finalidade, pois sua cultura está presente nas ações e fazeres, na organização da sua gestão, currículo que é constituído muitas vezes pelas diversas ações. “A escola é uma instituição ímpar que se estrutura sobre processos, normas, valores, significados, rituais, formas de pensamentos constituídos da própria cultura” (SILVA, 2016. p, 205). Sendo assim a escola é um campo de investigação de pesquisa histórica, porque ela não se repete e não é monolítica, mas longe de ser neutra.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Consideremos então que pesquisar a escola dentro do campo da História Cultural, como espaço de cultura própria é um desafio que coloca em pauta os tipos de fontes que podemos nos debruçar para a investigação. Contudo as imagens são motivos de verificação que auxiliam para a tentativa de desvendar os “fazeres” educativos (PINTO; TURAZZI. 2012. p, 145) aponta que:

A exatidão e fidelidade da fotografia em relação as demais imagens visuais (desenho, pintura, gravuras) deram aos sistemas de representação grande credibilidade como testemunhos aos acontecimentos vividos pelo homem, buscando assim a compreensão crítica das informações contidas nas imagens fotográficas.

As fotografias são registros deixados como materiais de pesquisa, tanto da cultura material ou imaterial da escola, a fotografia recompõe, sinaliza e é elemento de memória que merece um lugar especial no arquivo escolar. Evidente que não podemos desmerecer os outros objetos de pesquisa, que possuem em grande número nas escolas como: atas, trabalhos de alunos, cadernos. Registros que são vistos como objetos de cultura por VIDAL, (2004. p,17):

Esses objetos culturais e muitos outros, individuais e coletivos necessários ao funcionamento das aulas trazem marcas da modelação das práticas escolares, quando observadas na sua regularidade, mas portam índices de subversões cotidianas a esse arsenal modelar quando percebidos em sua diferença, possibilitando localizar vestígios de como os usuários lidavam inventivamente com a profusão material da escola e das mudanças, às vezes imperceptíveis que imperpetravam nessas mesmas práticas escolares

Verificamos que há uma preocupação em dar importância ao alargamento das fontes, que nos oferece a ideia não apenas dos conteúdos estudados, mas da escola enquanto produtora de cultura própria. Não podemos apenas analisar as fotografias, mas todo material disponível da escola que ateste a presença de fazeres que revelem a sua cultura. Cultura que não necessariamente pode estar dentro da escola, mas no seu exterior, fora de seus muros, mas que fazem parte das práticas que compõem as subjetividades da escola. Esses objetos são produtos criados a partir de reinvenções singulares que constroem o espaço escolar.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A partir do ingresso na Escola Municipal de Ensino Básico Josué Barbosa como professora há mais de uma década, observou-se as inúmeras práticas decorrentes de uma festa da padroeira local, que ocorre no mês de Julho e a escola referida que situa-se no mesmo terreno da igreja, por tanto os que compõem a escola usam este evento como motivo para algumas práticas, atividades que não possuem uma conotação religiosa, mas que contraria o planejamento pedagógico e seu calendário de provas no segundo bimestre. Essas práticas de acordo com as observações já realizadas, estão na escola há décadas e faz parte de sua história.

Fica assim, evidente que a escola não é monolítica ou neutra, mas que carrega outras intenções que não é apenas o de ministrar os conteúdos. A escola possui uma “tradição própria” ou uma própria cultura, que a diferencia de outras unidades de ensino de localização próxima. A análise de fotografias já coletadas até então, está sendo o primeiro passo para a investigação dessas práticas. Nas fotografias contém diversas cenas de alunos jogando na quadra de areia, como também, gincanas entre alunos, circuitos de motos, campeonatos de futebol, corridas de jegue entre outros. Um parque de diversão está presente na maioria destas imagens, algo comum em festa da padroeira local presente em pequenos povoados rurais, mas o parque também faz parte do dia-a-dia das atividades da semana na escola. Percebemos aí, um cruzamento cultural entre a igreja e a escola. Verificamos assim, que a escola referida é maior que os metros quadrados a ela destinada, possui um tamanho subjetivo, que não é visível, mas sentido.

Contudo não podemos desmerecer os testemunhos orais como fontes, pois os indivíduos portam memórias que são também do próprio grupo. (MONTENEGRO, 1993. p, 55) nos mostra que os testemunhos orais são constituídos por um universo diversificado de marcas que poderão revelar situações, acontecimentos ou narração de experiência.

As práticas ocorridas na escola no mês de julho, fazem parte da cultura da escola há muitos anos e provavelmente sofreu algumas modificações ao longo do tempo. Essas modificações podem estar contidas nas falas, silêncios e na memória. Na memória está alicerçada aquilo que é comum ao grupo, embora cada um construa sua memória individualmente. O grupo silencia ou exclui o que deve ser falado, ensinado para as futuras gerações. Através da memória evocada temos as entrevistas orais que contém os relatos





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

dos sujeitos históricos acerca da própria existência e sua importância está no tempo da experiência. Embora, muitas vezes os testemunhos orais escondem falseamentos que precisam de uma interpretação criteriosa do pesquisador que deve ter em mente que as falas coletadas não são reveladoras da verdade.

Desse modo ao analisar essas fontes, principalmente as impressas ou escritas como cadernos de alunos, trabalhos confeccionados, fotografias e outras mais, temos que ter em mente que os arquivos escolares muitas vezes não tem o mesmo zelo com estas fontes, como tem com documentos que precisam mais tarde passar por algum tipo de fiscalização, ou seja não estão em lugares privilegiados e não são considerados como arquivos históricos. É necessário um plano de destinação para esses documentos para que assim possibilitem novas visões sobre a escola e tudo que é produzido, ou seja a crítica não é apenas em ter um plano de destinação, mas como estão sendo gerenciados esses documentos na escola e isso precisa ser revisto pelas políticas públicas de preservação de documentação(VIDAL, 2204, p. 26). Daí a importância em olhar com mais atenção para os objetos da escola, ou seja, para as fontes produzidas na escola.

Considerações finais

Consideremos que a cultura coloca o sujeito para pensar em sua experiência e vivência. Essas vivências são compartilhadas e invoca ao pesquisador uma análise mais apurada, contudo, não podemos nos iludir em reconstituir a história cultural completamente, pois diferentemente da História Econômica que possui por vezes uma única preocupação, na História Cultural há uma ânsia em tentar desvendar a evolução dos costumes e que por vezes vão desaparecendo e sendo despercebidos ao longo do tempo, principalmente naqueles espaços onde são desenvolvidas as práticas que dão sentido ao cotidiano e as ações que constroem a cultura de uma escola e isso se constitui em uma tarefa delicada para o pesquisador.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Desse modo percebemos que a escola não é apenas um lugar predestinado para seu fim institucional, mas um espaço dinâmico composto por práticas que educam através de rituais, eventos, símbolos e discursos. É um espaço barulhento, não porque possui um pátio cheio de crianças e adolescentes que se reúnem na hora do intervalo para merendar, brincar ou conversar, mas porque possui diversas vozes que modelam o seu cotidiano, vozes presentes nas práticas que ampliam seu lugar, transformando em espaço sentido, vivido, produtor e revelador de cultura.

A escola não é um depósito de conteúdos abstratos, mas de significados que envolvem diversas atividades humanas, essas ações cotidianas nos levam a refletir a importância que tem a escola para a pesquisa no campo da História Cultural. Ao longo do tempo verificamos algumas mudanças nas escolas em relação as suas paredes, disposições de carteiras na sala de aula que eram diferentes no século XIX de como é apresentado atualmente, por diversos motivos que não nos adentraremos agora, mas o que importa é ver que atitudes que nos soam aleatórias, são na verdade carregadas de intenções que educam e direcionam objetivos. A disposição dos móveis da escola também é cultural.

Daí a importância em direcionar de forma criteriosa um olhar especial para as suas fontes, pois a escola deixa registros diariamente nos seus inúmeros fazeres que necessitam de atenção, pois são reveladores de práticas surgidas de discursos, rituais, símbolos que modelam e reestruturam mentes.

Nada é aleatório em um espaço composto por seres humanos com sua diversidade, identidades e fazeres individuais e coletivos. Estes espaços estão longe de ser mecânicos, mas são vivos, polifônicos.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História.** Especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1 Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESCOLANO, Austín; FRAGO, Antonio Viñao. **Currículo Espaço e Subjetividade: A arquitetura como programa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FRAGO, Viñao; ESCOLANO, Austín. **Currículo Espaço e Subjetividade: A arquitetura como programa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral: Caminhos e descaminhos**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.13 n. 25/26, Set. 1992/Ago. 1993, p. 55-56.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inês. **Fotografia e Ensino de História**. Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia. (coleção cotidiano escolar- Ação Docente). São Paulo: Moderna, 2012.

SILVA, Fabianny de Cássia Tavares. Cultura Escolar: Quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216. 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e Práticas Escolares: Uma Reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: CD-ROM Escola de Aplicação: O arquivo da escola e a memória escolar. São Paulo, 2004.

